**Gravação: audio\_entrevista\_3\_-\_plinio**

**Duração: [00:25:06]**

|  |  |
| --- | --- |
| **Legenda** | **Descrição** |
| (comentário aqui) | Comentários do transcritor. Exemplo: (vozes sobrepostas). |
| [00:00:00] | Marcação do tempo onde se inicia uma fala. |
| (inint) [00:00:00] | Trecho não compreendido com clareza. |
| ahãm, uhum | Interjeição de afirmação, concordância. |
| hã | Interjeição de dúvida, incompreensão ou reflexão. |
| Orador A | Yasmie Braga Theodoro |
| Orador B | Plinio |

**Início da Transcrição [00:00:00]**

Orador A: Eu, oi.

Orador B: [inint] [00:00:03.09], né?

Orador A: É. É, é terceira entrevista. Essa gravação é a terceira gravação para a pesquisa intitulada, é, “Educação vigiada: As implicações do uso das plataformas digitais”, é, “no trabalho dos professores da educação básica de Mato Grosso do Sul”, executado pela discente Yasmine Braga Theodoro, sob a orientação do professor Jacob Carlos Lima no programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Agora é a terceira entrevista com o professor Plínio em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Plínio, como foi organizado o ensino remoto emergencial durante a pandemia do Covid-19 na escola ou nas escolas que você atua ou atuou? Se puder falar um pouco também do que você atua.

Orador B: Tá. É, eu sou professor de Matemática e também sou coordenador da área técnica dos itinerários, agora ensino médio trabalhamos com itinerário, né. E então eu vivenciei os dois lados, né: eu vivenciei o lado do professor e ao mesmo tempo eu vivenciei o lado do coordenador durante toda a pandemia e até hoje. Para nós, é, então eu consigo ter dois lados, sabe, eu consigo enxergar duas, duas situações diferentes. Eu vou falar sobre a parte do professor, se você quiser eu posso acrescentar de coordenação também como foi.

Orador A: Ahãm.

Orador B: Na parte, nós, professores, nós percebemos que, assim, no começo não teve muito uma implata-um, um, não foi implantado nada, né. A gente foi muito de “supetão”, a gente foi muito na cara, na coragem, a gente trabalhava com o que tinha. Alguns professores utilizavam WhatsApp, outros já utilizavam o Google Sala de Aula, o próprio Zoom, apesar de o Zoom a gente já conhecer aquela limitação, né, de tempo, que dificultava para a gente. Mas a gente não tinha uma, uma dinâmica feita porque a gente foi pego de surpresa, então a gente, como todo professor, como toda a nossa vida, né, a gente foi se virando com o que a gente tinha, principalmente nós de escola pública, né. Então a gente foi, Face-a gente trabalhou até, por incrível que pareça, com Facebook na escola onde eu trabalhava. É, com tudo. Tudo quanto é tipo de mídias digitais que a gente tinha acesso e que a gente via que os alunos demonstravam um pouco de interesse, a gente foi para cima delas. Então no começo teve uma organização, depois a sede, ela começou a querer nortear a gente. Esse depois que eu falo é depois de uns dois meses, né, que foi quando eles fizeram aquela parceria com o Google, que aí lançaram as plataformas, lançaram as salas de aulas dentro da plataforma. Então assim, a gente tentou organizar, por mais que era por WhatsApp, para ter aula para o aluno, o nosso horário de aula normal. O que a gente tinha, a gente tentava trabalhar com aquilo, chamar os alunos para dentro daquele período que seria a aula para tentar manter uma normalidade no que era possível, né. Então eu acho que foi isso que as escolas fizeram para nós como professores. Com nós, é, lá, no caso, como era como coordenador, já era um pouco mais complicado, porque aí era, a-a, sob a nossa responsabilidade, é, a, no começo não tinha norte, né, então a gente tinha que criar alguma coisa para fazer esses alunos virem. Então a, a organização por nós de coordenação, eu, eu falo que foi mais complicada porque a gente não lidava só com a plataforma, a gente lidava com professores e alunos. E organizar e gestar tudo isso daí foi difícil. Foi um cronograma que demandava mais do que 20 horas. Eu era contratado 20 e trabalhava 50, em, em média, assim, uma boa média eram 50 horas por semana. Por, justamente por causa dessa falta de organização. A gente, a, a secretaria não tinha um plano para a gente, eles só queriam trabalho, e queriam resultado, e a gente se organizou assim: com WhatsApp, com Facebook, com o Instagram, com os grupos lá de aula, nós mesmos criamos. No nosso caso, na escola onde eu trabalhava, a gente já tinha uma facilidade porque eram cursos técnicos no itinerário, então tinha eu e os outros professores que eram de áreas técnicas, a gente acabou criando o nosso grupo de sala de aula antes da própria sede lançar aquela parceria. E a gente conseguiu se organizar muito bem ali. Tanto que a gente não teve uma evasão de alunos muito grande, né. Porque a gente já conseguia, de começo, já trabalhar isso e manter eles focados ali com a gente, né, o máximo possível.

Orador A: Agora eu vou fazer uma per-duas perguntas em uma, que é como foi trabalhar durante a pandemia da Covid-19 e como foi o gerenciamento do seu tempo de trabalho?

Orador B: Trabalhar na pandemia eu acho que é o que todo mundo vai dizer: foi uma loucura.

Orador A: (Riso)

Orador B: Foi uma coisa, assim, que a gente achava que a gente não ia dar conta, porque era uma co-uma situação totalmente atípica. É, a gente não sabia como lidar com aquilo, é, a gente tinha alunos perdendo parentes, tios, até os próprios pais, mães, doente dentro de casa, aquela angústia de que eles iam perder, é, esse ente querido, muitos perderam, infelizmente, então a gente vivia naquela angústia, né, da, da, de como trabalhar, se estava fazendo o certo, se estava, é, estava sendo eficiente, se era o suficiente o que eu estava fazendo. Por mais que a gente sabia que não era, mas era o que eu tinha. Então foi um pouquinho difícil trabalhar na pandemia, não foi fácil. Trabalhar com educação já não é fácil, e na situação onde nós fomos colocados ficou mais difícil ainda o nosso trabalho, né. Aquele negócio de eu ir até a casa do aluno, buscar aquele aluno, que ele não buscava as APCs na escola, de ir saber o que que estava acontecendo porque aquela família não nos dava apoio, e nós tivemos muita dificuldade com isso, o apoio da família naquele momento também. Então foi uma loucura. Resumindo tudo foi uma grande loucura. Só que assim, nós fomos muito bons, nós fazemos como professor. Por mais que as pessoas critiquem o professor de escola pública, a gente deu conta. Foi uma loucura, mas como sempre a gente estava lá com a cara, a coragem e enfrentando. E o nosso tempo, ele era gerido basicamente assim: de manhã eu estava na instituição, porque a gente tinha que cumprir horário, ainda tinha isso, né, na escola onde eu estava, eu acho que na grande maioria, por um período a gente cumpriu o horário da escola, nós não fomos dispensados para ficar em casa. Então de manhã eu estava ali, gerindo esse tempo, esse, esse horário, fazendo a minha rotina normal de escola, e à tarde era quando eu ia conseguir dar suporte para alguns alunos, porque na escola a internet não é de boa qualidade, e era quando eu ia buscar algum aluno, ou levar material para algum aluno. É, era quando eu tinha que me desvirar em 20, eu falo, né, a gente, cada dia eu tinha umas 10, uns 10 eus trabalhando. Era mais ou menos assim que eu me sentia. E o meu tempo não tinha muito um, um roteiro a seguir, porque cada dia era uma coisa nova, né, cada dia era u-uma situação diferente, era algo que a gente tinha que resolver. E a gente não tinha muito apoio, era só nós, a nossa classe, por nós mesmos. E ajudando um professor de outra instituição, e por aí a gente ia.

Orador A: Plínio, você perdeu pessoas próximas ou colegas de trabalho? Se sim, como foi?

Orador B: Eu perdi dois colegas de trabalho, um supervisor e uma, uma moça da secretaria. Foi complicado, porque tipo, eles eram pessoas muito próximas de todo mundo, aqueles que ajudavam a gente, que estavam lá na linha de, e a gente sabia que eles não podiam estar lá, e eles não tinham autorização para ficar em casa, era naquele período ainda que não tinha um, um, um aval para a gente ficar em casa mesmo, e a gente tinha que trabalhar, e eles tinham comorbidades, e eles foram infectados, a gente não sabe como, nem onde, né, e eles vieram a falecer.

Orador A: Nossa.

Orador B: Foi difícil, foi complicado, foi puxado porque eram pessoas muito trabalhadoras, muito próximas da gente, é, é, é, é estranho, é, você vê a pandemia levando pessoas, mas quando ela leva uma pessoa sua e parece que você enxerga que ela chegou. Então foi difícil não só para nós como professores, mas para os alunos também. Teve aluno, por exemplo, que não conseguia logar. E o pessoal que fazia a área técnica de saúde, que tinha o suporte desse, desse supervisor que faleceu, tinham alunos que não logavam mais. Porque era ele que fazia esse, essa mediação, sabe? Então foi, é até complicado tentar explicar o sentimento que a gente sente, mas é um sentimento de injustiça, porque a gente sabe que o nosso governo poderia ter feito alguma coisa. Alguma coisa, não, poderia ter agido, ter trabalhado para a gente não perder o tanto de gente que a gente perdeu. E a gente ver as pessoas que a gente gosta do nosso trabalho indo é muito injusto, é muito, saber que por irresponsabilidade, sabe, é muito doído isso.

Orador A: A escola possui grupo de WhatsApp?

Orador B: Sim.

Orador A: Como ele foi utilizado?

Orador B: Então, como que a gente fez? A gente criou ele, obviamente cada um com uma sala, né, criamos grupos por cada sala e ali a gente utilizou—

Orador A: Como que eram os grupos? Como que eram os grupos?

Orador B: Os grupos, eles ficavam, os alunos não, não, não falavam no grupo, só era os professores e os coordenadores, porque naquele grupo a gente mandava APC e os alunos, a gente conseguia ver, visualizar quem tinha visto, né, os APCs e daí a gente entrava em contato individualmente porque a gente achava mais fácil, é, ter esse controle quando eu falava pessoalmente com pai e mãe. No grupo ficavam os alunos e os responsáveis. Então era só para isso: para o professor postar a matéria dele lá, nós da coordenação postarmos alguns informes e, e as apostilas ficavam ali. Alguns professores, no começo, começaram a dar aula por aqueles grupos, então eles entravam no horário de aula e criava-se um grupo, dava aula por ali. Ou mandava a vídeo aula para eles já gravada, mas a gente não deixava aberto para os alunos porque senão a gente perdia o controle.

Orador A: Como você avalia o processo de expansão do uso das tecnologias de informação e comunicação, as TICs, e especialmente a utilização das plataformas digitais na Educação Básica.

Orador B: Bom, uma das coisas que eu vejo é assim, ela foi bem utilizada pela maioria, mas nós tivemos bastante resistência, né, aqueles professores mais antigos, infelizmente eles já não lidavam muito bem com o computador e quando chegaram as TICs, [inint] [00:11:25.22] nossa, foi um surto coletivo do pessoal mais antigo. Infelizmente. Era um pessoal que já estava lá há 20, 25 anos, eles já estavam saindo, então para eles não, não era interessante, então eles, nós infe-infelizmente temos esse tipo de pessoa. E, mas ela f-ela, na grande maioria ela foi muito bem vinda, né. Tanto que a maioria do, das TICs a gente usa até hoje. A gente está trazendo para a, para a escola, as escolas agora, quando eles entraram, os itinerários formativos, eles estão utilizando, tem a aula EAD agora, né, todos os itinerários têm pelo menos um tempo, para as escolas de cinco tempos diários, tem um tempo que é EAD na semana. Para as escolas que são de seis tempos, ah, é ao contrário, para a escola que tem seis tempos, tem um e para a escola que é de cinco, acho que eles têm quatro tempos. Então tipo, até hoje a gente usa essas plataformas, elas estão sendo melhoradas e mais, é, bem vistas, assim, os alunos meio que acostumaram com essa situação. Na marra, mas acostumaram, então eu acho que ela veio para ficar. É uma coisa, assim, que não tem para onde correr. Esse negócio de tipo: “Ai, foi só ali na pandemia”. Não, gente, não é. É hoje em dia. Não sei se eu posso falar isso, mas hoje em dia eu trabalho já em um outro curso à noite, que ele é um curso técnico do governo do estado, e era um curso de dois anos e meio e ele foi reduzido para nove meses. O restante é todo na plataforma, é uma plataforma própria do governo do estado que ele montou só para isso, eles melhoraram nesse quesito, então a gente existe, hoje em dia, sala de aula totalmente online só para isso. Elas vieram para ficar e eu tenho, eu vejo ela como uma vantagem. Tem as desvantagens, mas tem vantagens também.

Orador A: É, você sabe como aconteceu a parceria da Google com a SED?

Orador B: De verdade, eu só tenho que, o que falam, eu nunca fui atrás para ver como que isso se deu. Eu lembro que na época a Google liberou para todas as escolas por um período de teste, eu não lembro quanto que foi esse período, para, não uma forma de ajudar também, foi a contribuição deles na pandemia para que as aulas não parassem. Mas como o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul adquiriu depois eu não, não, não tivesse acesso, eu não tive essa informação.

Orador A: Quais as ferramentas que você mais utilizou?

Orador B: Mais utilizei? Foi o WhatsApp.

Orador A: O WhatsApp?

Orador B: Foi o WhatsApp. Por mais que eu tivesse ali o Google sala de aula, o que eu mais utilizei foi o WhatsApp. Até porque os alunos não entravam muito no “Classroom”, então a gente acabava muito mais no “Whats”.

Orador A: Como que era esse o uso do WhatsApp?

Orador B: A gente mandava material, né, tentava convencer os alunos de alguma forma para eles, hã, entrarem para o Google, então a gente usava ele para fazer a chamada dos alunos, para eles participarem das aulas no “Classroom”. Mas era, é, mandar a mensagem particular do aluno, tirar dúvida ali naquele particular, porque eles também não falavam no grupo, até porque o nosso grupo era fechado. E a gente tentava fazer com que eles tirassem as dúvidas no “Classroom” para ficar registrado, mas não, eles não aderir muito a essa plataforma, né. Então a gente usava ele basicamente para tudo: para perguntar para o aluno, para tirar dúvida desse aluno, para mandar vídeo explicando, como que era, fazer aqueles videozinhos curtos, mostrava, eu era da área de exatas, né, para fazer uma continha ali filmando e mostrando para eles. É, instalei aqui, ó, você consegue ver ali atrás, eu tenho a tela, onde eu usava para dar aula na minha casa. Eu que comprei, a escola não mandou nada para ninguém, né. Então era basicamente para isso: fazer videozinhos e mandava para eles.

Orador A: É, como você avali-é, você recebeu algum tipo de formação da SED ou da Google para atuar no ensino remoto emergencial? Se sim, como foi?

Orador B: Não recebemos suporte nenhum. Simplesmente jogaram a gente naquela plataforma, falaram: “Boa sorte para vocês, estou contribuindo com a plataformas, se virem”. E a gente se virou. A gente começou a gravar videozinhos, a gente que entendia mais, e mandava para os colegas que não entendiam. E aí—

Orador A: Colegas professores?

Orador B: Os colegas professores de outras escolas, de outros Estados, eu sei que tem videozinhos meus explicando o básico, de como o professor subir um arquivo porque aquilo ali eu sei que tem gente que, colegas de Aquidauana que falavam: “Ai, eu recebi um vídeo seu que fulano me mandou expli-ensinando, porque a gente não teve suporte”. E realmente nós não tivemos, eles só abriram a plataforma e “boa sorte” e a gente se virou.

Orador A: É, como você avalia o trabalho realizado pela mediação das plataformas digitais? Seja WhatsApp, seja Google, como que você avalia isso? Seja outros que você utiliza.

Orador B: Olha o, o trabalho que a gente realizou, o [inint] [00:16:24.16] que fala, é, foi de formiguinha, né, a gente saiu catando aluninhos. A gente tentou da melhor forma possível. Não foi o suficiente, a gente sabe que não foi, é, mas foi o que a gente pode fazer. Porque a gente não tinha parceria de família, né, mesmo, eu falei lá no começo, isso, nosso problema era que a gente não tinha a parceria da família. E também tinha problema que muitos alunos não tinham condições de ter aquele “Whats”, aquele celular na mão. Muitos só iam conseguir ter acesso ao celular no final do dia, que era quando o pai e a mãe chegavam do trabalho e eles iam pegar o celular do pai e mãe que eles não tinham. Então, é, quando eu paro para avaliar como foi, assim, em um todo, poderia ter sido melhor se a gente tivesse tido condições, é, e suporte da, da gestão do Estado para isso. Então o que a gente conseguiu fazer, a gente fez muito bem feito, sim.

Orador A: Quais as principais dificuldades encontradas?

Orador B: A principal dificuldade, assim, que eu falo foi a falta do acesso que os alunos tinham. Hã, porque também é uma coisa assim, que a família deveria, teria que se planejar para ter um computador, ter um, um celular que suportava baixar os arquivos, fazer as coisas, e muitos não tinham, tá. Eu trabalhava em uma escola que é de periferia, né, então tipo, era complicado. É, muitos alunos não tinham, a gente tinha que imprimir muita apostila. Eu lembro que teve semanas, assim, que eu imprimia mais de 2000 apostilas e saía de moto para entregar para os alunos porque eles não tinham, é, um computador ou uma internet em casa. A gente conseguiu algumas parcerias com alguns vereadores para doar computador, doar internet, a gente conseguiu algumas coisas desse tipo, mas era quase final do ano quando a gente conseguiu fazer isso, né, então todo esse período o que dificultou a gente mesmo foi as famílias de baixa renda mais uma vez marginalizadas e sem acesso à informação, sem ter condições de ter acesso a isso. Foi isso que mais dificultou a gente no trabalho.

Orador A: Existe algum aspecto positivo que você gostaria de destacar?

Orador B: No trabalho que a gente fez? O que eu vejo de positivo, que foi, assim, os professores, de uma forma ou de outra, tiveram que aprender a mexer com as mídias digitais. Porque muitos tinham resistência, a gente consegue, é, fazer trabalhos maravilhosos, que a gente tem nas escolas, é, condições, na maioria delas, não em todas, mas condições de aplicar as mídias digitais, é, e muitos não usavam. Ficavam naquele padrão, naquele costume de quadro e, e giz, escrevendo, o aluno copiando, criando alunos copistas, né? E com a mídia digital eles tiveram que se forçar, acabaram que as tecnologias forçaram o, o professor a montar uns slides no Power Point, que nem isso eles sabiam fazer, encaixar uns videozinhos, deixar aquela aula mais dinâmica porque a gente precisava prender a atenção do aluno no computador para ele não mudar para joguinho, então isso foi uma, uma parte positiva. Para os alunos eu não vejo parte positiva, sendo bem sincero. Eu vejo só para nós, os profissionais que aprenderam na marra a, a usar o que a gente tem como ferramenta.

Orador A: É, durante a pandemia aconteceu alguma situação com algum estudante que você gostaria de destacar ou ainda na escola? Que te marcou.

Orador B: Olha, é, quando a gente retornou, tentar não chorar, eu tive muita situação de alunas, principalmente das meninas, abusadas sexualmente e eu não sabia como agir. Eu não tinha um preparo psicológico naquela, naquele momento para aquela enxurrada, porque eu não acre-eu, é, a gente escuta falar bastante, né, mas quando ela bate na nossa porta, e, e ver aquelas meninas pedirem socorro e a gente tentar ligar para a polícia, ligar para conselho tutelar e eles não fazerem nada. Então é isso que foi uma coisa que, tipo, me marcou bastante, porque eu sempre falava: “Mas por que que não denuncia para o conselho? Por que que não chama polícia?” E quando estava ali que eu tinha que denunciar para conselho tutelar, e chamar a polícia, e eles não faziam nada, aquilo me doeu muito. Enfim.

Orador A: Ficou algum resquício, ficou algum resquício do trabalho remoto, é, para agora o trabalho presencial?

Orador B: Ficou. A gente ainda utiliza as redes sociais, nós utilizamos os grupos de WhatsApp para mandar atividade ainda para os alunos, então nessa parte de tecnologia ficou esse resquício, principalmente o WhatsApp, as outras plataformas a gente não utiliza. E ficou o resquício gigantesco ali do déficit de aprendizagem dos alunos, que a gente está tentando correr atrás, que eu falo que esse é o, a maior herança que a pandemia nos deixou, que é esse déficit de eu chegar ali, esse ano, por exemplo, pegar um aluno de primeiro ano de ensino médio e ele não ter o conhecimento básico da matemática que eu precisava que ele tivesse lá no primeiro ano porque ele parou na sétima série, no sétimo ano, né. E aí eles chegam com esse déficit gigantesco para a gente, que vai demorar aí pelo menos o quê? Uns 20 anos para a gente conseguir recuperar todo esse fuzuê.

Orador A: Plinio, como você considera, você considera que as TICs, elas são um avanço para educação? É uma pergunta.

Orador B: Ahãm.

Orador A: E a segunda pergunta é: e para o trabalho do professor?

Orador B: Cara, de verdade, sim, foi um grande avanço para a gente. É, era uma coisa que já estava aí há muito tempo, tanto que a, as pós-graduações EADs já existem há um bom tempo, né, só que o professor, parece que ele tinha medo de usar, ele tinha um certo receio. E com a pandemia, é, a gente não teve escolha, né. Ou você enfrentava ela, ou te colocavam para fora e colocavam outra pessoa no seu lugar. Então assim, para a educação foi um grande avanço. Foi bem forçado, foi enfiado goela abaixo, mas a gente se adaptou e a gente traz ela para os dias de hoje. E qual que era a outra pergunta? Desculpa.

Orador A: E para o trabalho do professor?

Orador B: Para o trabalho do professor é “que nem” eu falei, a gente acabou acostumando, né. É uma forma de a gente chamar a atenção para os alunos. É, da escola para o trabalho, por exemplo, nós temos lousa digital. Os professores acabaram, é, meio que se afastando do quadro e canetão, e giz, seja o que for o quadro, e usando mais essa lousa digital. Eles acabaram a, a, aí sim, depois de um tempo, acho que ano passado, teve um, um cursinho que a SED ofereceria que ensinava o professor a montar vídeo, montar os slides, montar assim. E no, muitos fizeram essa capacitação e eles usam, então para o trabalho do professor também foi um grande ganho, porque a gente conseguia falar e agora, nesse caso, demonstrar, mostrar um videozinho daquilo ali, como que funciona, ficou bem mais visível.

Orador A: Ok. Tem mais alguma coisa que você acha importante falar?

Orador B: Eu só espero de verdade que a gente esteja preparado, espero que não aconteça, mas que tenha servido de lição para a gente essa, que a gente está bem mais preparado, porque a gente não sabe o amanhã, né. Se acontecer de novo, ou sei lá, se a pandemia voltar a, ao pico dela de novo, que a gente esteja mais preparado, para a gente ficar esperto, né, para a gente entender que é do nada, ela não vem com aviso prévio e a gente tem que estar sempre se preparando, se capacitando, para quando acontecer a gente estar pronto para ela de novo.

Orador A: É isso, muito obrigada, Plinio.

**Fim da Transcrição [00:25:05]**